



O ACESSO A PRÁTICA CULTURAL: POR QUE OS SUJEITOS VISITAM O MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS?

Thiago Lucas Rodrigues Martins

UEMG

E-mail: thiagolucasmartins@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo é fruto dos resultados de pesquisa de uma dissertação de Mestrado que teve a intenção de compreender o que motiva os sujeitos de diferentes grupos sociais a visitarem o Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte – MG (MAO). Referenciados nos conceitos de *capital cultural* e *habitus* construídos por Pierre Bourdieu, e na sociologia de Bernard Lahire, sobretudo no conceito de *ator plural*, buscamos investigar em que medida a origem social, o nível de escolaridade, a frequência a práticas culturais e o convívio social com os amigos e/ou colegas de trabalho poderiam influenciar a realização de uma visita ao Museu de Artes e Ofícios.

Palavras-chave: Museu de Artes e Ofícios; Prática cultural; Capital cultural;

Introdução

Este artigo é fruto dos resultados de pesquisa de uma dissertação de Mestrado que teve a intenção de compreender o que motiva os sujeitos de diferentes grupos sociais a visitarem o Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte – MG (MAO). Fundado em 2005, o MAO está localizado no conjunto arquitetônico da Praça Rui Barbosa, popularmente conhecida como Praça da Estação, na região central de Belo Horizonte – MG. A coleção do museu está disposta em dois prédios históricos da antiga Estação Ferroviária Oeste de Minas e Estação Ferroviária Central do Brasil. O acervo é composto por instrumentos e ferramentas de trabalho utilizadas no período pré-industrial brasileiro, entre os séculos XVIII e XX. Os trabalhos representados no Museu de Artes e Ofícios revelam um saber construído por trabalhadoras e trabalhadores, seus modos de vidas, condições de trabalho, habilidades e técnicas desenvolvidas e aprendidas na época pré-industrial.

O motivo para a construção do museu na Praça, de acordo com Pierre Catel¹, seria alcançar o público da classe trabalhadora, uma vez que o museu está localizado às margens da estação de

¹ Pierre Yves Catel - Museólogo francês e principal responsável pelo projeto museográfico do Museu de Artes e Ofícios



metrô. O museólogo, em entrevista concedida e publicada no Scielo à pesquisadora Luciana Sepúlveda Koptcke em 2005, afirma que,

Nosso objetivo era ter um público bem popular, uma vez que íamos trabalhar num terreno para difundir um conhecimento popular, e era preciso restituir uma identidade, um interesse ao trabalho manual e ao trabalho técnico. Aliás, era preciso se situar num lugar onde o público já estivesse antes. Foi por isso que pensamos na possibilidade de fazer esse museu numa estação de metrô (Koptcke e Catel, 2005)

O museu localizado às margens do metrô de Belo Horizonte, segundo Catel (2005), poderia facilitar o acesso da classe trabalhadora. No entanto, é necessário problematizar os motivos que levam as classes trabalhadoras ao espaço. Os trabalhadores se apropriam do Museu e de todo o seu entorno, ou a região se constitui apenas como “local de passagem” para os trabalhadores?

Neste artigo vamos tentar entender o acesso aos museus como um processo social e, para tanto, utilizaremos a sociologia da educação como referencial teórico. No campo da relação entre a sociologia da educação e o acesso a museus estão os estudos de Pierre Bourdieu.

A teoria bourdieusiana é fundamental para a construção do presente objeto de pesquisa. Através do referencial sociológico, conseguiremos investigar as condições sociais de acesso a museus e a outras práticas culturais. Para compreender os “porquês” ou os motivos da visita ao Museu de Artes Ofícios, temos primeiro que nos questionar se indivíduos pertencentes a diferentes classes sociais e com distintos graus de escolarização frequentavam o MAO. Por meio deste primeiro questionamento e da identificação dos grupos sociais que vão ao museu, vamos perceber que as razões apresentadas pelos sujeitos para visitar este espaço público estão diretamente relacionadas com seus contextos sociais, culturais, econômicos e escolares.

Metodologia

Para compreender os “porquês”, ou o que motiva os diferentes grupos sociais a visitar o Museu de Artes e Ofícios, foram entrevistados, entre agosto e novembro de 2014, 28 sujeitos que visitaram o museu sem agendamento prévio ou foram ao espaço de maneira “espontânea”. A intenção da pesquisa era investigar um conjunto de fatores (origem social, nível de escolaridade, influencia de amigos, etc.) que poderiam favorecer a visita ao Museu de Artes e Ofícios. Partimos do pressuposto de que, entrevistando visitantes espontâneos ou sujeitos que foram ao MAO sem agendamento prévio poderíamos identificar tais fatores.



Com base nas informações obtidas por meio das entrevistas com os 28 indivíduos, constatamos que: 10 afirmaram que estavam passando pela região da Praça da Estação e aproveitaram a ocasião para visitar o museu; 9 disseram que estavam apresentando o museu para algum familiar ou amigo; e 9 estavam no MAO por influência direta da escolar.

Resultados e discussão

Antes de nos debruçarmos sobre os resultados da pesquisa é necessário apresentar de maneira breve a teoria que referenciou o nosso estudo. Visando à compreensão da relação entre a frequência a museus, a origem social e o nível de escolaridade dos indivíduos, serão analisados os fundamentos teóricos da sociologia bourdieusiana, sobretudo o conceito de *habitus* e de capital cultural. A teoria de Pierre Bourdieu busca compreender a realidade social atribuindo um papel de destaque à dimensão simbólica e cultural na produção e reprodução das estruturas de dominação

Existem algumas definições de *habitus* que estão presentes em outros estudos sociológicos, entretanto, é na teoria de Bourdieu que se encontra um novo debate teórico sobre este conceito. O *habitus* em Bourdieu seria a mediação entre o subjetivismo e o objetivismo. A estruturação das práticas não seria um processo puramente mecânico, nem um processo autônomo e deliberado pelos sujeitos. Para Bourdieu, a estruturação das práticas sociais ocorreria de dentro para fora, ou seja, a partir das experiências adquiridas em um ambiente social ou familiar, “[...] os indivíduos incorporariam um conjunto de disposições para a ação típica dessa posição (um *habitus* familiar ou de classe) e que passaria a conduzi-los ao longo do tempo e nos mais variados ambientes de ação” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p 20).

Sendo um conjunto de disposições que conduz a ação dos indivíduos, o *habitus* “[...] não seria aprendido conscientemente pelos próprios sujeitos, permanecendo, portanto, apenas como consciência ou senso prático, pelo simples fato de que, ao ser internalizado, ele passa a construir a própria natureza do indivíduo” (NOGUEIRA, 2002, p 154). Dito de outra forma, os sujeitos não estruturariam suas ações, percepções e gostos de forma consciente, eles tenderiam a seguir as características do seu grupo social de origem.

Os indivíduos da mesma classe agiriam segundo o *habitus* herdado do seu grupo, compartilhando um modo semelhante de avaliar e perceber as situações práticas da vida social. O gosto e as preferências em matéria de cultura legitimada seriam construídos no interior do grupo



social onde os sujeitos foram socializados. Trazendo este debate teórico para a presente pesquisa, o gosto para visitar museus, por exemplo, seria parte integrante do *habitus* das classes dominantes.

Bourdieu elabora esta ideia sobre os museus a partir de estudos teórico-empíricos realizados por ele e Alain Darbel (2003) em diferentes museus de arte presentes em cinco países europeus (Espanha, França, Grécia, Holanda e Polônia). Os 9.226 questionários aplicados por Bourdieu, Darbel e uma grande equipe de pesquisadores correlacionaram uma série de variáveis, tais como nível de escolaridade, profissão, renda, local de residência, faixa etária, museus visitados, dias e horários em que ocorreram as visitas, tempo médio das visitas, motivo declarado da visita, etc. Em todos os países pesquisados, os autores concluem que “a frequência aos museus – que aumenta consideravelmente à medida que o nível de instrução é mais elevado – corresponde a um modo de ser quase exclusivo das classes cultas” (BOURDIEU; DARBEL, 2003, p 37).

É interessante ressaltar que, a respeito das classes médias de baixo capital cultural e das classes populares, os autores afirmam que os sujeitos inseridos nestas posições sociais se interessariam pelas obras que lhes são mais acessíveis, como móveis, cerâmicas e objetos históricos. O interesse ocorreria, ou porque estes objetos seriam fruto do seu contexto, ou porque a “cultura histórica” exigida para a apropriação simbólica de tais objetos seria mais comum ao contexto das classes médias e das camadas populares. Bourdieu e Darbel (2003) explicitam que existe uma relação entre as obras oferecidas pelos museus e o grau de competência que os visitantes possuem para decifrar e apreender as informações propostas por elas. Com base nos resultados dos questionários aplicados durante a realização da pesquisa, os autores constatam que os diferentes museus europeus possuem obras que só adquirem sentido e valor para os sujeitos capazes de decifrá-las e saboreá-las. Os museus que apresentariam obras da cultura legitimada seriam mais visitados pelo público escolarizado e com maior *capital cultural*, enquanto os museus históricos e arqueológicos seriam frequentados pelas classes médias, e em menor nível, pelas classes populares. Neste estudo realizado nos museus europeus, os pesquisadores observam que,

[...] tanto o Museu de Colmar, que apresentam um dos quadros mais célebres da França depois da *Mona Lisa*, quanto os Museu de Dijon e de Autun, possuidores de um grande número de obras famosas – o primeiro situado em uma região turística, enquanto o segundo se destaca pela qualidade excepcional da apresentação – têm os níveis de informação mais elevados e o público mais aristocrático. [...] Pelo contrário o nível é baixo no Museu de Dreux, sobretudo, de caráter histórico; no Museu de Douai [...] no museu de Belas Artes de Marselha [...] no museu de Moulins que apresenta, sobretudo, objetos arqueológicos. (BOURDIEU e DARBEL, 2003, p 129)

Embora o interesse pelos museus históricos e arqueológicos ocorra entre as classes médias e populares, os autores esclarecem que visitas empreendidas a museus pelas classes populares,



especificamente, ocorrem mais pelo fruto do acaso do que por interesse ou conhecimento prévio em relação às obras expostas. Esta classe não apresentaria as disposições necessárias para empreender outras visitas, sendo sua frequência condicionada ao acaso.

O capital cultural e sua relação com a frequência a museus

A sociologia bourdieusiana considera que a posse material ou simbólica dos bens da cultura legitimada é um mecanismo de *distinção*. Os bens culturais seriam classificados e hierarquizados de acordo com o *habitus* das classes dominantes, ou seja, o *habitus* de classe definiria o que é uma prática cultural legitimada ou não. Segundo Bourdieu, a posse dos bens culturais reforçaria a divisão entre grupos sociais dominantes e dominados. Os indivíduos seriam classificados a partir do tipo de bem cultural que consomem, produzem ou apreciam. Em outras palavras, os indivíduos que,

[...] de alguma forma, se envolvem com bens culturais considerados superiores, ganham prestígio e poder, seja no interior de um campo específico, seja na escala da sociedade como um todo. Pode-se dizer que, por meio destes bens, eles se distinguem dos grupos socialmente inferiorizados. (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2004, p. 35)

Para se referir ao poder e prestígio que os indivíduos ganham pela apropriação material ou simbólica dos bens culturais, Bourdieu elabora o conceito de *capital cultural*. Na sua teoria, a cultura legitimada, por conferir poder e status aos sujeitos, passa a ser considerada um instrumento de distinção, tanto quanto o capital econômico. O domínio do *capital cultural* propicia ao indivíduo uma série de recompensas no sistema escolar. Os agentes, por exemplo, que dominam a língua culta ou frequentam museus, beneficiam-se de várias vantagens sociais no sistema escolar e no mercado de trabalho.

Essas vantagens ocorreriam, pois, o sistema escolar valorizaria comportamentos, atitudes e habilidades lingüísticas que apenas os sujeitos socializados na cultura dominante poderiam apresentar. “Da mesma forma, o mercado de trabalho valorizaria, para o acesso a posições de maior prestígio [...] a capacidade do candidato se comportar de forma elegante, ou seja, de acordo com os padrões da cultura dominante” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2004, p. 36).

O *capital cultural* é, portanto, um conjunto de qualificações intelectuais produzidos e/ou transmitidos pela família, reforçado e legitimado pela escola. Ele pode existir sob três estados, o incorporado, o objetivado e o institucionalizado. O primeiro se organiza como disposições duradoras formadas no interior dos corpos e convertidas em posturas corporais, preferências estéticas, habilidades lingüísticas, etc. Como parte integrante da pessoa,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

[...] esse capital “pessoal” não pode ser transmitido instantaneamente (diferentemente do dinheiro, do título de propriedade ou mesmo do título de nobreza) por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca. Pode ser adquirido no essencial, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição. (BOURDIEU, 1998, p. 75) (Grifos do autor)

O capital cultural objetivado é transmissível, e se estabelece pela posse de bens materiais que refletem a cultura dominante, tais como quadros de obras de arte, livros, laboratórios e coleções. O capital cultural institucionalizado manifesta-se sob a forma de certificados, atestado e diplomas, que podem ser convertidos futuramente em capital econômico. O diploma possui um enorme valor simbólico no meio social e, da mesma maneira, pode garantir ao seu portador credibilidade no que diz respeito à cultura. De acordo com a Bourdieu, o *capital cultural* garante a distinção entre os agentes, e evidencia uma hierarquia social separando as classes dominantes (aqueles que apreciam ou produzem a cultura legitimada) dos grupos socialmente inferiorizados.

A teoria do ator plural em Bernard Lahire

Os trabalhos de Bernard Lahire estabelecem um diálogo com a sociologia de Bourdieu. Lahire propõe um questionamento sobre a teoria bourdieusiana, apontando que “nenhum indivíduo se reduz ao seu pertencimento a uma única coletividade, seja ela a família, a classe social, o grupo de status, a religião, ou qualquer outra” (NOGUEIRA, 2013, p. 3). Em outras palavras, Lahire afirma que um sujeito não pode ser concebido apenas como representante puro de um determinado grupo social. Ao longo de sua trajetória, os agentes vivem múltiplas experiências, em diferentes espaços sociais, o que poderia conduzir suas ações. Por ter como objeto de estudo o indivíduo, a teoria de Lahire se distancia do viés macrossociológico presente na teoria bourdieusiana, por considerar que este viés é,

[...] uma simplificação da realidade social tal como vivida no plano individual. Eles são úteis por permitirem uma visão de conjunto da sociedade e dos processos sociais. Não poderiam, no entanto, ser transpostos diretamente para a escala individual, sob o risco de produzirem uma visão grosseira e enganadora da realidade individual. (NOGUEIRA, 2013, p. 2)

Como dito anteriormente, Lahire considera o sujeito individual como um importante *objeto sociológico* e expõe que cada sujeito possui uma história social particular. Por meio de suas experiências em vários contextos sociais, o indivíduo agiria de forma singular, orientado por um conjunto de disposições formadas na família, escola, ciclo de amizades, etc.



O conceito de *disposições* tratado por Lahire se refere a uma experiência incorporada de socialização, adquirida mediante as experiências individuais dos sujeitos. A disposição “[...] não é uma resposta simples e mecânica a um estímulo, mas uma maneira de ver, sentir e agir que se ajusta com flexibilidade as diferentes situações encontradas” (LAHIRE, 2004, p. 30).

Uma das críticas de Lahire à teoria bourdieusiana se relaciona ao conceito de *habitus*. Para Lahire, o fato de um agente ter sido socializado em determinada posição de classe não garante que ele construa disposições típicas somente desta posição. Lahire entende que, para a construção de disposições, é necessário considerar as experiências socializadoras vividas pelos indivíduos, seja na escola, na família, na rede de amigos, no ambiente de trabalho, etc. Apropriando-nos desta ideia, possivelmente a posição de classe não seria um fator determinante que leva os indivíduos das classes populares ao Museu de Artes e Ofícios. É importante indagar que outras influências construídas por meio das experiências socializadoras fazem com que os sujeitos desta classe frequentem ou visitem o MAO.

Lahire afirma que Bourdieu, ao propor o conceito de *habitus*, teria construído um homem homogêneo, guiado por um único sistema de disposições estruturadas no interior da posição social. Os indivíduos, na sociologia de Lahire, não agiriam de forma homogênea nas situações da vida e, sobretudo, não agiriam coerentemente o tempo todo a partir de um sistema de disposições homogêneo, coerente e único. Apoiado no conceito de *habitus*, Lahire afirma que Bourdieu constrói um homem perfeito, enquanto a realidade demonstra ser o indivíduo altamente complexo. (SETTON, 2009, p. 299). Setton (2009) explicita que a teoria lahireana considera que existem duas correntes de pensamento acerca da teoria da ação. A primeira se baseia na unicidade do ator, e a segunda pensa o ator e sua fragmentação interna. Isto é, de um lado, estuda-se “[...] a visão de mundo, a relação com o mundo ou a fórmula geradora das práticas; de outro, admite-se a multiplicidade de saberes incorporados, de experiências vividas, do ‘eu’ e dos papéis interiorizados pelo ator” (SETTON, 2009, p. 299) (Grifos do autor). Segundo Lahire, a teoria do *habitus* de Bourdieu se posiciona na primeira corrente teórica, e ela não seria suficiente para compreender o sujeito individual. O *habitus* não consideraria os múltiplos contextos sociais e experiências de socialização vividas por cada sujeito.

Dito isso, com base nas informações obtidas por meio das entrevistas com os 28 indivíduos, constatamos que: 10 afirmaram que estavam passando pela região da Praça da Estação e aproveitaram a ocasião para visitar o museu; 9 disseram que estavam apresentando o museu para algum familiar ou amigo; e 9 estavam no MAO por influência direta da escolar.



Dos 10 indivíduos que afirmaram que estavam passando pela região da Praça da Estação e aproveitaram a ocasião para visitar o museu podemos citar o caso de Dominica, 19 anos. Ela relata que sempre utiliza o metrô, fazendo o trajeto da Estação Eldorado até a Estação Central. Ao chegar às proximidades da Estação Central, Dominica observava o acervo histórico do museu disposto ao longo da plataforma e no interior das galerias dos prédios,

Bom, como eu disse eu moro em Contagem, então, para vir para cá eu pego o metrô e sempre que eu vinha para estação daqui eu ficava olhando para ver o que tinha desse lado. Eu sempre tinha muita curiosidade. Eu nunca fui no museu sozinha, e eu estava passando aqui e falei “então eu vou entrar para ver como é que é”. Não tinha nada programado para hoje, então eu vim. (DOMINICA, 19 anos)

Conforme observa Catel (2005), o objetivo da construção do Museu de Artes e Ofícios na praça era atrair o público da periferia urbana. O museógrafo destaca que era preciso situar o museu em um local onde o público já estivesse antes e, por isso a justificativa para a instalação do MAO nas proximidades do metrô.

Dos 28 sujeitos entrevistados, nove declararam que estavam visitando o museu para apresentá-lo a algum familiar ou amigo. Dos nove sujeitos que declaram terem ido ao museu para apresentá-lo a algum amigo ou familiar, apenas uma entrevistada não conhecia o museu e aproveitou a presença de um conhecido para visitá-lo. Esta entrevistada é Gleidna. Com 23 anos e detentora do ensino médio completo, ela trabalha como vendedora de eletrodomésticos durante a semana, e aos sábados como bombeira civil em uma boate em Belo Horizonte. Gleidna pode ser considerada de origem popular. Seus pais não completaram o ensino fundamental, e enquanto o pai trabalha como cabeleireiro, a mãe é dona de casa.

Durante a socialização na sua família, Gleidna não teve acesso a museus, teatro, cinema e concertos musicais. Foi a partir da convivência com os colegas de turma e das excursões promovidas pela escola pública onde estudou que ela começou a conhecer alguns museus de Belo Horizonte. Gleidna conta que ficou sabendo da existência do Museu de Artes e Ofícios através das amigas da escola. Quando questionada sobre o motivo da sua visita ela diz

Gleidna: Passeio mesmo [...] que eu gosto.

Pesquisador: Você gosta de visitar museus?

Gleidna: É. Eu também estava levando minha cunhada para passear também [...]

Gleidna relata que estava apresentando alguns pontos turísticos da cidade de Belo Horizonte para a cunhada. Tanto ela quanto a sua cunhada não conheciam o museu. É interessante ressaltar que, ao ser questionada sobre o motivo da sua visita, Gleidna afirma que estava no museu porque “gosta”. No entanto, para Bourdieu (2008) o gosto é a expressão simbólica da posição de classe. O



gosto e as preferências em matéria de cultura legitimada seriam construídos no interior do grupo social onde os sujeitos foram socializados. Para o autor, o gosto para visitar museus é parte integrante do *habitus* das classes ricas em capital cultural.

Através da entrevista, pôde-se constatar que Gleidna foi socializada em meios populares. Mesmo através da influência da escola e dos seus ciclos de amizades, Gleidna teve pouco acesso a museus, teatro e concertos de música erudita. Embasando-me na teoria bourdieusiana, Gleidna diz gostar de museus com o intuito de prestar reverência aos bens culturais legitimados e de reconhecê-los enquanto “bens nobres”.

O gosto, para Bourdieu, é construído a partir de uma longa familiaridade com os bens culturais legitimados. Gleidna conheceu alguns museus por meio da escola, e ela se recorda de poucos nomes dos espaços museais que frequentou.

Fui na Praça da Liberdade, tem uma li. No da Pampulha também tem um. Pelo menos uns dois que eu já fui aqui e [...] antigamente tinha muita exposição nesse “CentoeQuatro” aqui, também. (GLEIDNA, 23 anos)

Gleidna se recorda apenas de uma galeria de arte que visitou, e da localização dos outros museus. Para Bourdieu e Darbel (2007), os sujeitos oriundos das classes populares não conseguem lembrar o nome de uma obra ou de um museu que lhes tenha agradado. Os autores afirmam que, para se lembrar do nome dos museus e das exposições, é preciso uma intensidade regular de frequência a estes espaços, o que somente os sujeitos das classes ricas em capital cultural possuem.

É interessante ressaltar que a resposta “porque eu gosto de museus”, à pergunta sobre o motivo da visita ao MAO, apareceu com mais frequência nas entrevistas dos sujeitos que afirmaram estar no Artes e Ofícios para apresentá-lo a algum familiar. Visitar o museu apenas para mostrá-lo a conhecidos ou familiares poderia se apresentar como uma resposta pouco “nobre”.

Dos 28 entrevistados nove sujeitos foram ao museu por influência da escola. Nariman é uma das visitantes das classes médias que foram ao Museu de Artes e Ofícios para realizar um trabalho escolar sobre o MAO. Nariman tem 32 anos, possui o ensino superior completo em Design de Ambientes, e atualmente está cursando o curso superior em Enfermagem. A entrevistada pode ser considerada membro das classes médias ricas em *capital cultural*. Tanto a mãe de Nariman quanto o pai possuem o superior completo. A mãe é professora, e o pai é engenheiro civil. Ao ser questionada sobre o motivo da sua visita ao Museu de Artes e Ofícios ela relata que,

Eu vim trazer a minha menina, e também porque eu estou fazendo uma optativa que é Alimentação e Cultura e eu vim ver os modos produtivos de alguns ofícios de antigamente que hoje não tem mais. Mas relacionados à alimentação. (NARIMAN)



Nariman já conhecia o MAO. A primeira vez que ela foi ao espaço, também foi por influência da escola. A entrevistada nos conta que visitou alguns museus durante a infância com sua família, mas a frequência de visitas aumentou quando ela começou o curso de Design de Ambientes.

Pesquisador: Seus pais te levavam a museus?

Nariman: Levavam, mas não levavam tanto não. Eu lembro mais que... Foi depois que eu comecei a fazer Design que aumentou...

Bourdieu e Darbel (2007) afirmam que intensificação da ação da escola é o meio mais eficaz de aumentar a frequência a museus, teatro ou concertos. Além do *capital cultural* herdado da sua família de origem, Nariman possui uma longa socialização no sistema escolar. Com 32 anos, ela é graduada em Design de Ambientes, como dissemos e agora está cursando o superior em Enfermagem. Pela teoria bourdieusiana, supõe-se que a longa socialização no sistema escolar e o *capital cultural* herdado da sua família tenham possibilitado a Nariman desenvolver disposições para se apropriar dos bens da cultura legitimada. Como destacado no Capítulo III, Bourdieu (2008) explicita que todas as práticas culturais (frequência a museus, concertos, leituras, exposições, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música “estão estritamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e secundariamente, à origem social” (BOURDIEU, 2008, p. 9).

Nariman afirma ter visitado a maioria dos museus de Belo Horizonte; no entanto, é importante destacar que, quando avaliamos a frequência de Nariman ao teatro, ao cinema e aos concertos, percebemos que ela possui uma baixa intensidade de visitas a estes outros espaços culturais. No ano de 2014, a entrevistada foi a seis diferentes museus de Belo Horizonte, mas não foi ao teatro, ao cinema ou a concerto. O alto grau de escolaridade que Nariman possui, e o *capital cultural* herdado do seio da sua família de classe média não garantiram que a entrevistada se apropriasse de todos os bens da cultura legitimada.

A teoria de Lahire (2002) demonstra que o fato de um sujeito ter sido socializado em determinada posição de classe não garante que ele construa apenas disposições típicas desta posição. O autor entende que, para a construção de disposições, é necessário considerar as experiências socializadoras vividas pelos indivíduos, seja na escola, na família, na rede de amigos, no ambiente de trabalho, etc.

Em seu discurso, Nariman destaca que já conhecia alguns poucos museus de Belo Horizonte, mas a sua frequência a estes espaços aumentou a partir do momento que ela começou o curso de Design. Por possuir uma grade curricular que envolve, entre outros conhecimentos, a análise do



espaço urbano¹, o curso de Design pode ter possibilitado a Nariman um contato mais aprofundado com os museus da capital.

Através da análise do caso de Nariman, percebe-se que, mesmo possuindo um alto grau de escolaridade e tendo herdado da sua família *capital cultural*, a posição de classe e a escolaridade da entrevistada não determinaram que ela se apropriasse de todas as práticas culturais as quais, de acordo com Bourdieu (2008), são ajustadas à sua posição de classe. A entrevistada construiu ao longo da vida disposições para visitar museus, o que não implicou na construção de disposições para outras práticas culturais. Supõe-se que Nariman frequente o MAO, e os outros museus de Belo Horizonte devido à sua socialização no curso de Design de Ambientes.

Conclusão

Neste artigo, procuramos evidenciar os resultados obtidos em uma pesquisa de mestrado que procurou compreender os motivos e os “porquês” da visita ao Museu de Artes e Ofícios. Por meio das entrevistas semiestruturadas, foi possível captar como o nível de instrução dos sujeitos, as suas origens familiares e o convívio com colegas ou grupos de amigos influenciaram a realização de uma, ou de constantes visitas ao MAO. Os resultados mostraram que a visita ao Museu de Artes e Ofícios não está necessariamente associada a uma disposição culta. A disposição culta é desenvolvida por meio do contato prolongado com os bens da cultura legitimada. Este contato ocorre mediante um *capital cultural* herdado do meio familiar e do nível de escolaridade. Nas entrevistas, percebemos que os sujeitos que possuíam um *capital cultural* herdado e um alto grau de escolaridade não se apropriavam de todas estas práticas culturais, ditas legitimadas. Alguns frequentavam museus com maior intensidade do que teatro e outros, por exemplo, assistiam mais a concertos musicais do que visitavam museus. Alguns indivíduos visitavam o Museu de Artes e Ofícios duas ou três vezes no ano, mas não se apropriavam de outras práticas culturais legitimadas.

Observamos que um dos motivos que fazem os indivíduos retornarem ao museu é a temática do acervo que, de alguma forma, se aproxima das histórias sociais dos indivíduos. Foram comuns os relatos que associavam as obras do museu com o cotidiano de trabalho de membros da própria família. A localização do MAO, também, é considerada um fator importante para o retorno.

Por fim, acreditamos que a pesquisa de mestrado que foi desenvolvida contribuiu para o desenvolvimento de novos estudos de público em museus que buscam apoio no campo da sociologia da educação. O olhar sociológico proposto no trabalho, ainda é incipiente nas outras



pesquisas de público em museus do Brasil. A nossa intenção foi fomentar o debate a respeito das condições sociais de acesso a museus e a práticas culturais.

Referencias bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo, Edusp, 2008
_____. *A escola conservadora: as desigualdades frente a escola e a cultura*. In: BOURDIEU, P. *Escritos de Educação*. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 39-64.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: EDUSP; Zouk, 2003.

KOPTCKE, Luciana Sepúlveda; CATEL, Pierre. Museu de Artes e Ofícios, de Belo Horizonte: afinal como nascem os museus? *Revista História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.12., p. 323-324, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/15.pdf>

LAHIRE, B. *Homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Retratos Sociológicos: Disposição e variações individuais*, São Paulo, Artmed Editora, 2004.

_____. A abordagem de Bernard Lahire e suas contribuições para a sociologia da educação. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 36., 2013, Goiânia. *Trabalhos apresentados...* Goiânia: UFG, 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_sessoes_especiais/se_08_claudionogueira.pdf>. Acesso em 20 dez 2014

NOGUEIRA, M. A; NOGUEIRA C. M. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 78, p. 15-36, 2002.

_____. *Bourdieu & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do *habitus*. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 296-307, maio-ago. 2009.